

Comunicação com os mortos na Bíblia

A maior ignorância é a que não sabe e crê saber, pois dá origem a todos os erros que cometemos com nossa inteligência. (SÓCRATES).

Tão surpreendente quanto a naturalidade das pessoas em emitirem juízo sobre algo que pouco sabem, é seu desinteresse em melhor informarem-se. (LOEFFLER).

Se não se convencem pelos fatos, menos o fariam pelo raciocínio. (KARDEC).

Introdução

Dentre vários outros, a comunicação com os chamados mortos é um dos princípios básicos do Espiritismo; inclusive podemos dizer que é um dos mais importantes, pois foi de onde surgiu todo o seu arcabouço doutrinário.

Na conclusão de *O Livro dos Espíritos* (Edição Especial), Kardec argumenta que:

"[...] Esses fenômenos [...] não são mais sobrenaturais do que todos os fenômenos, cuja explicação a Ciência hoje dá e que pareciam maravilhosos em outra época. Todos os fenômenos espíritos, sem exceção, resultam de leis gerais. Revelam-nos uma das forças da Natureza, força desconhecida, ou, melhor dizendo, incompreendida até agora, mas que a observação demonstra estar na ordem das coisas". (KARDEC, 2006, p. 561).

Essa abordagem de Kardec é necessária, pois, apesar de muitos considerarem tais fenômenos como sobrenaturais, ao lado de inúmeros outros que os quiserem como fenômenos de ordem religiosa, mostra que as duas teses estão incorretas. A origem deles é espontânea e natural e ocorre conforme as leis Naturais, que regem não só o contato entre o mundo material e o espiritual, mas toda a complexa interação que mantém o equilíbrio universal. Por isso não precisaríamos relacioná-los, nem mesmo buscar comprovação de sua realidade entre as narrativas bíblicas, uma vez que elas são apenas de cunho religioso.

A Bíblia, apesar de merecer de todos nós o devido respeito, por ser um livro considerado sagrado por várias correntes religiosas, não é, nunca foi e jamais será um livro que contém todas as leis que regem o Universo, nem tão pouco o que acontece em função das leis naturais, portanto, divinas, já desvendadas pelo homem.

A Ciência vem, ao longo dos tempos, demonstrando a impossibilidade de serem verdadeiros certos fatos narrados pelos autores da Bíblia, como também, trazendo outros que nem supunham existir. Assim, a Terra como o centro do Universo, Adão e Eva como o primeiro casal humano, entre inúmeros outros pontos da Bíblia, não poderão ser mais considerados como verdades, uma vez que a Ciência provou o contrário. A fertilização *in vitro*, a ida do homem ao espaço, a clonagem, o transplante de órgãos, o computador com o qual estamos escrevendo, como milhares de outras maravilhas descobertas pela Ciência, não se encontram citadas nem profetizadas, em uma linha sequer, das Escrituras Sagradas.

Apesar disso tudo, estaremos desenvolvendo esse estudo com a finalidade de constatar que a comunicação dos mortos está na Bíblia, não para nós, mas para mostrar àqueles que insistem em relacionar esses fenômenos como de cunho religioso e que, para serem verdadeiros, teriam que constar nela.

Passagens bíblicas para comprovação

A primeira coisa que teremos que buscar para apoio, é algo que venha nos dar uma certeza da sobrevivência do espírito, pois ela é a peça fundamental nas comunicações.

Leiamos:

Quanto a você [Abraão], irá reunir-se em paz com seus antepassados e será sepultado após uma velhice feliz. (Gn 15,15).

Quando Jacó acabou de dar instruções aos filhos, recolheu os pés na cama, expirou e se reuniu com seus antepassados. (Gn 49,33).

Eu digo a vocês: muitos virão do Oriente e do Ocidente, e se sentarão à mesa no Reino do Céu junto com Abraão, Isaac e Jacó. (Mt 8,11).

E, quanto à ressurreição, será que não leram o que Deus disse a vocês: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó”? Ora, ele não é Deus dos mortos, mas dos vivos. (Mt 22,31-32).

Podemos concluir dessas passagens que há no homem algo que sobrevive à morte física. Não haveria sentido algum dizer que uma pessoa, após a morte, irá se reunir com seus antepassados, se não houvesse a sobrevivência do espírito e nela não se acreditasse. Além disso, para que ocorra a possibilidade de alguém poder “sentar à mesa no Reino do Céu junto com Abraão, Isaac e Jacó” teria que ser porque esses patriarcas estão tão vivos quanto nós. A não ser que Jesus tenha nos enganado quando disse, em se referindo a esses três personagens, que Deus é Deus de vivos.

Os relatos bíblicos nos dão conta que o intercâmbio com os mortos eram fatos corriqueiros na vida dos hebreus. Por outro lado, quase todos os povos, com quem mantiveram contato, tinham práticas relacionadas à evocação dos espíritos para fins de adivinhação, denominada necromancia. O Dicionário Bíblico Universal nos dá a seguinte explicação sobre ela:

Meio de adivinhação interrogando um morto. Babilônios, egípcios, gregos a praticavam. Heliodoro, autor grego do III ou do século IV d.C., relata uma cena semelhante àquela descrita em 1Sm (Etiópe 6,14). O Deuterônimo atribui aos habitantes da Palestina “a interrogação dos espíritos ou a evocação dos mortos” (18,11). Os israelitas também se entregaram a essas práticas, mas logo são condenadas, particularmente por Saul (1Sm 28,3B). Mas, forçado pela necessidade, o rei manda evocar a sombra de Samuel (28,7-25): patético, o relato constitui uma das mais impressionantes páginas da Bíblia. Mais tarde, Isaías atesta uma prática bastante difundida (Is 8,19): parece que ele ouviu “uma voz como a de um fantasma que vem da terra” (29,4). Manasses favoreceu a prática da necromancia (2Rs 21,6), mas Josias a eliminou quando fez sua reforma (2Rs 23,24). Então o Deuterônimo considera a necromancia e as outras práticas divinatórias como “abominação” diante de Deus, e como o motivo da destruição das nações, efetuada pelo Senhor em favor de Israel (18,12). O Levítico considera a necromancia como ocasião de impureza e condena os necromantes à morte por apedrejamento (19,31; 20,27). (MONLOUGOU e DU BUIT, 1996, p. 556).

Iremos ver, no decorrer desse estudo, algumas dessas passagens; mas, por hora, apenas destacaremos:

Não se dirijam aos necromantes, nem consultem adivinhos, porque eles tornariam vocês impuros. Eu sou Javé, o Deus de vocês. (Lv 19,31).

Quem recorrer aos necromantes e adivinhos, para se prostituir com eles, eu me voltarei contra esse homem e o eliminarei do seu povo. (Lv 20,6).

Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; e por tais abominações o Senhor teu Deus os lança de diante de ti. Perfeito serás para com o Senhor teu Deus. Porque estas nações, que hás de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores; porém a ti o Senhor teu Deus não permitiu tal

cousa. (Dt 18,9-14).

As três passagens acima, dizem respeito à adivinhação e à necromancia - que é um tipo de adivinhação, conforme explicação, já citada, do dicionário -, motivo pelo qual elas se encontram entre as proibições. A preocupação central era proibir qualquer tipo de coisa relacionada à adivinhação, não importando por qual meio fosse realizada, como fica claro pela última passagem onde se diz "... *estas nações, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores...*", reunindo assim todas as práticas a essas duas espécies.

Por outro lado, a grande questão a ser levantada é: os mortos atendiam às evocações ou não? Se não, por que da proibição? Seria ilógico proibir algo que não acontece! Assim, teremos que buscar as razões de tal proibição. Duas podemos destacar. A primeira é que consideravam como deuses os espíritos dos mortos. Mais à frente iremos ver sobre isso, quando falarmos de 1Sm 28. Levando-se em conta que era necessário manter, a todo custo, a ideia de um Deus único, Moisés, sabiamente, instituiu a proibição de qualquer evento que viesse a prejudicar essa unicidade divina. As consultas deveriam ser dirigidas somente a Deus; daí, por força das circunstâncias, precisou proibir todas as outras. A segunda estaria relacionada ao motivo pelo qual iam consultar-se aos mortos. Normalmente, eram para coisas relacionadas ao futuro, como no caso de Saul que iremos ver logo à frente, ou para situações até ridículas, quando, por exemplo, do desaparecimento das jumentas de Cis, em que Saul, seu filho, procura um vidente, para que ele lhe dissesse onde poderiam encontrá-las.

A figura do profeta aparece como sendo uma pessoa que tinha poderes para fazer consultas a Deus, ou receber da divindade as revelações que deveriam ser transmitidas ao povo. Em razão de querer a exclusividade das consultas a Deus, por meio dos profetas, é que Moisés disse que: "*Javé seu Deus fará surgir, dentre seus irmãos, um profeta como eu em seu meio, e vocês o ouvirão*". (Dt 18,15). Elucidamos essa questão com o seguinte passo: "*Em Israel, antigamente, quando alguém ia consultar a Deus, costumava dizer: 'Vamos ao vidente'. Porque, em lugar de 'profeta', como se diz hoje, dizia-se 'vidente'*". (1Sm 9,9). O que é vidente senão quem tem a faculdade de ver os espíritos? Poderá, em alguns casos, ver inclusive o futuro; daí a ideia de que poderia prever alguma coisa, uma profecia, derivando-se daí, então, o nome profeta. Podemos confirmar o que estamos dizendo aqui nesse parágrafo, pela explicação dada à passagem Dt 18,9-22:

Contrapõem-se nitidamente duas formas de profetismo ou de mediação entre os homens e Deus. O profetismo de tipo cananeu, com suas práticas para conhecer o futuro, ou vontade dos deuses (v.9-14), visava controlar a divindade, tornado-a favorável ao homem. Contra isso o Dt estabelece a mediação do 'profeta como Moisés' (v.15-22; cf. Ex 20,18-21), a cuja palavra, pronunciada em nome de Deus, o israelita deve obedecer. (Bíblia Sagrada Vozes, p. 217).

É interessante que, neste momento, venhamos a dizer alguma coisa sobre profeta. Buscaremos as informações com Dr. Severino Celestino, que nos diz:

A palavra profeta, em hebraico, significa "Navi", no plural, "Neviim". Apresenta ainda outros significados como "roê" (videntes). Veja I Samuel 9:9: "*antigamente em Israel, todos os que iam consultar IAHVÉH assim diziam: vinde vamos ter com o vidente (roê); porque aquele que hoje se chama profeta (navi), se chamava outrora vidente (roê)*".

A palavra vidente, em hebraico, também significa (chozê), pois, consultando o texto original, encontramos citações que usam o termo (roê) sendo que outras citam (chozê), como veremos adiante. O vidente era, portanto, o homem a ser interrogado quando se queria consultar a Deus ou a um espírito e sua resposta era considerada resposta de Deus.

O termo profeta chegou ao português, derivado do grego (???) "prophétes" que significa "alguém que fala diante dos outros". No hebraico, o significado é bem mais amplo, possui uma raiz acádica que significa "chamar", "falar em voz alta", e interpretam-no como "orador, anunciador". (SILVA, 2001, p. 259-260). (Grifos do original).

Dito isso, podemos agora concluir que Moisés não era totalmente contra o profetismo

(leia-se mediunismo), apenas era contrário ao uso indevido que davam a essa faculdade. Podemos, inclusive, vê-lo aprovando a forma com que dois homens a faziam, conforme a seguinte narrativa em Nm 11, 24-30:

Moisés saiu e disse ao povo as palavras de Iahweh. Em seguida reuniu setenta anciãos dentre o povo e os colocou ao redor da Tenda. Iahweh desceu na Nuvem. Falou-lhe e tomou do Espírito que repousava sobre ele e o colocou nos setenta anciãos. Quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram; porém, nunca mais o fizeram. Dois homens haviam permanecido no acampamento: um deles se chamava Eldad e o outro Medad. O Espírito repousou sobre eles; ainda que não tivessem vindo à Tenda, estavam entre os inscritos. Puseram-se a profetizar no acampamento. Um jovem correu e foi anunciar a Moisés: "Eis que Eldad e Medad", disse ele, "estão profetizando no acampamento". Josué, filho de Nun, que desde a sua infância servia a Moisés, tomou a palavra e disse: "Moisés, meu senhor, proíbe-os!" Respondeu-lhe Moisés: "Estás ciumento por minha causa? Oxalá todo o povo de Iahweh fosse profeta, dando-lhe Iahweh o seu Espírito!" A seguir Moisés voltou ao acampamento e com ele os anciãos de Israel.

Fica evidente, então, que pelo menos duas pessoas faziam dignamente o uso da faculdade mediúmica (profecia); daí Moisés até desejar que todos fizessem como eles.

Outro ponto importante que convém ressaltar é a respeito da palavra Espírito, que aparece inúmeras vezes na Bíblia. Mas afinal o que é Espírito? Hoje sabemos que os espíritos são as almas dos homens que foram desligadas do corpo físico, pelo fenômeno da morte. Assim, podemos perfeitamente aceitar que, fora as vezes que atribuem essa palavra ao próprio Deus, todas as outras estão incluídas nessa categoria.

Tudo, na verdade, não passava de manifestações dos espíritos, que muitas vezes eram tomados à conta de deuses, devido a ignorância da época, coisa absurda nos dias de hoje.

Isso fica tão claro que podemos até mesmo encontrar recomendações de como nos comportarmos diante deles, para sabermos suas verdadeiras intenções. Citamos: "Amados, não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus,..." (1Jo 4,1).

Disso pode-se concluir que era comum, àquela época, o contato com os espíritos. De fato, já que podemos confirmar isso com o Apóstolo dos gentios, que recomendou sobre o uso dos "dons" (mediunidade), conforme podemos ver em sua primeira carta aos Coríntios (cap. 14). Nela ele procura demonstrar que o dom da profecia é superior ao dom de falar em línguas (xenoglossia), pois não via nisso nenhuma utilidade senão quando, também, houvesse alguém com o dom de interpretá-las.

Ao lado dos espíritos, vemos ainda inúmeras manifestações do demônio. Sobre ele, encontramos a seguinte informação, citada pela Dra. Edith Fiore, sobre o pensamento do historiador hebreu Flávio Josefo: "Os demônios são os espíritos dos homens perversos" (FIORE, 1995, p. 29). Com isso as manifestações espirituais se ampliam, pois agora se nos apresentam os demônios como espíritos de seres humanos desencarnados, ficando, portanto, provado que a Bíblia está repleta de fenômenos mediúnicos. Onde há mediunidade sempre haverá, manifestações espirituais, pouco importando a denominação que venha a se dar àqueles que se apresentam aos encarnados, por essa via.

Vejamos, então, um relato bíblico de um caso específico sobre uma consulta aos mortos. Chamamos a sua atenção para o motivo da consulta, que não poderá passar despercebido, visto já o termos citado como uma das causas da proibição de Moisés. Leiamos:

Samuel tinha morrido. Todo o Israel participara dos funerais, e o enterraram em Ramá, sua cidade. De outro lado, Saul tinha expulsado do país os necromantes e adivinhos. Os filisteus se concentraram e acamparam em Sunam. Saul reuniu todo o Israel e acamparam em Gelboé. Quando viu o acampamento dos filisteus, Saul teve medo e começou a tremer. Consultou a Javé, porém Javé não lhe respondeu, nem por sonhos, nem pela sorte, nem pelos profetas. Então, Saul disse a seus servos: "Procurem uma necromante, para que eu faça uma consulta". Os servos responderam: "Há uma necromante em Endor". Saul se disfarçou, vestiu roupa de outro, e à noite, acompanhado de dois homens, foi encontrar-se com a mulher. Saul disse a ela: "Quero que você me adivinhe o futuro, evocando os mortos. Faça aparecer a pessoa que

eu lhe disser". A mulher, porém, respondeu: "Você sabe o que fez Saul, expulsando do país os necromantes e adivinhos. Por que está armando uma cilada, para eu ser morta?" Então Saul jurou por Javé: "Pela vida de Javé, nenhum mal vai lhe acontecer por causa disso". A mulher perguntou: "Quem você quer que eu chame?" Saul respondeu: "Chame Samuel". Quando a mulher viu Samuel aparecer, deu um grito e falou para Saul: "Por que você me enganou? Você é Saul!" O rei a tranquilizou: "Não tenha medo. O que você está vendo?" A mulher respondeu: "Vejo um espírito subindo da terra". Saul perguntou: "Qual é a aparência dele?" A mulher respondeu: "É a de um ancião que sobe, vestido com um manto". Então Saul compreendeu que era Samuel, e se prostrou com o rosto por terra. Samuel perguntou a Saul: "Por que você me chamou, perturbando o meu descanso?" Saul respondeu: "É que estou em situação desesperadora: os filisteus estão guerreando contra mim. Deus se afastou de mim e não me responde mais, nem pelos profetas, nem por sonhos. Por isso, eu vim chamar você, para que me diga o que devo fazer". Samuel respondeu: "Por que você veio me consultar, se Javé se afastou de você e se tornou seu inimigo? Javé fez com você o que já lhe foi anunciado por mim: tirou de você a realeza e a entregou para Davi. Porque você não obedeceu a Javé e não executou o ardor da ira dele contra Amalec. É por isso que Javé hoje trata você desse modo. E Javé vai entregar aos filisteus tanto você, como seu povo Israel. Amanhã mesmo, você e seus filhos estarão comigo, e o acampamento de Israel também: Javé o entregará nas mãos dos filisteus". Saul caiu imediatamente no chão, apavorado com as palavras de Samuel... (1Sm 28,3-20).

Inicialmente, se diz que Saul consultou a Javé; como não obteve resposta, resolveu então procurar uma necromante para que, pessoalmente, pudesse consultar-se com um espírito. Isso foi o que dissemos sobre uma das razões da proibição de Moisés. Saul diante da necromante foi taxativo: quero que adivinhe o futuro evocando um morto. Aqui é o próprio rei que vai consultar-se com um morto, pelo motivo de querer saber o futuro. Se os mortos nunca tivessem revelado o futuro, estaria o rei numa situação ridícula dessa?

Mas Saul não desejava consultar-se com um espírito qualquer, queria especificamente a presença de Samuel. Após a evocação da mulher, o relato confirma que a necromante viu Samuel-espírito aparecer, sem margem a nenhuma dúvida. Quando ela descreve o que vê, o próprio Saul reconhece ser o profeta Samuel que estava ali. Fato confirmado, pela indubitável afirmativa de que foi o próprio Samuel quem fez uma pergunta a Saul. Após a resposta deste, novamente, Samuel responde ao que veio o rei saber.

Algumas Bíblias, no versículo 13, ao invés de *"vejo um espírito subindo da terra"* traduzem por *"vejo um deus subindo da Terra"*. A frase dessa maneira nos é explicada:

"A palavra hebraica para significar Deus, também designa os seres supra-humanos e, como neste caso, o espírito dos mortos. Havia a convicção de que os espíritos dos mortos estavam encerrados no sheol, e este se situaria algures por baixo da terra" (Bíblia Sagrada Santuário, p. 392).

Com isso, fica fácil entender por que Saul, após certificar-se de que Samuel-espírito estava ali, se prostra diante dele (v. 14). Atitude própria de quem endeusava os espíritos e, conforme já o dissemos anteriormente, esse foi um dos motivos pelo qual Moisés proibiu a comunicação com os mortos.

A frase *"Javé fez com você o que já lhe foi anunciado por mim"* (v. 17) tem a seguinte tradução em outras Bíblias: *"O Senhor fez como tinha anunciado pela minha boca"*, do que podemos concluir que naquele momento ele não estava falando pela sua boca, usava a boca da mulher, pela qual ele, Samuel, confirmou o que tinha falado a Saul quando vivo, não deixando então nenhuma dúvida que era mesmo, em espírito, quem estava ali. Estamos dizendo isso, porque com algumas interpretações distorcidas, bem à conveniência dogmática, querem insinuar que quem se manifestou foi o demônio. A isso, poderemos, além do que já dissemos, colocar, para corroborar nosso pensamento, uma explicação dada a 1Sm 28,15-19:

O narrador, embora não aprove o proceder de Saul e da mulher (v. 15), acredita que Samuel de fato apareceu e falou com Saul: isso Deus podia permitir. Logo, não é preciso pensar em manobra fraudulenta da mulher ou em intervenção diabólica.... (Bíblia Sagrada Vozes, p. 330).

Por outro lado, ninguém conseguirá nos provar que, em algum lugar da Bíblia, está dizendo que os demônios aparecem no lugar dos espíritos evocados. Assim, de modo claro e inequívoco, temos essa questão, de que não são os demônios, como definitivamente resolvida. Não bastasse isso, a própria Bíblia confirma o ocorrido quando, falando a respeito de Samuel, diz: *“Mesmo depois de sua morte, ele profetizou, predizendo ao rei o seu fim. Mesmo do sepulcro, ele levantou a voz, numa profecia, para apagar a injustiça do povo”*. (Eclo 46,20). Sabemos que os protestantes não possuem esse livro, mas como os católicos também afirmam que sua Bíblia foi inspirada e não contém erros, pegamos a deles para a confirmação dessa ocorrência.

Ao que parece, a consulta aos mortos era fato tão corriqueiro, que, às vezes, era esperada, conforme podemos ver em Isaías:

Quando disserem a vocês: ‘Consultem os espíritos e adivinhos, que sussurram e murmuram fórmulas; por acaso, um povo não deve consultar seus deuses e consultar os mortos em favor dos vivos?’, comparem com a instrução e o atestado: se o que disserem não estiver de acordo com o que aí está, então não haverá aurora para eles. (Is 8,19-20).

Isaías até sabia o que iriam dizer; pois, com certeza, era realidade daquela época. Quanto à expressão *seus deuses*, explicam-nos que equivale a *os espíritos dos antepassados* (Bíblia Sagrada Ave Maria, p. 950), o que vem reforçar a justificativa para a proibição de Moisés, que buscava fazer o povo hebreu aceitar o Deus único. Interessante que essa passagem irá nos remeter a uma outra, que fala exatamente dos antepassados, como uma explicação que nos ajudará a entendê-la. Vejamo-la:

Consulte as gerações passadas e observe a experiência de nossos antepassados. Nós nascemos ontem e não sabemos nada. Nossos dias são como sombra no chão. Os nossos antepassados, no entanto, vão instruí-lo e falar a você com palavras tiradas da experiência deles. (Jó 8,8-10).

Considerando que à época não se tinha muita coisa escrita, e se tivesse talvez pouco adiantaria, pois raras pessoas sabiam ler, só poderemos entender essa passagem como sendo uma consulta direta às gerações passadas, o que, em bom Português, significa que isso ocorria através da consulta aos seus deuses; em outras palavras, aos espíritos dos antepassados, que, pessoalmente, vinham transmitir-lhes as suas experiências. É notável que isso é exatamente o que está ocorrendo nos dias de hoje com os Espíritos, que, mesmo não tendo sido evocados para serem consultados, vêm, livremente, com a permissão de Deus, é claro, nos passar as suas experiências pessoais, para que possamos aprender com elas, de modo que evitaremos cair nos erros já cometidos por eles por ignorância das leis divinas.

Uma coisa nós podemos considerar. Se ocorriam manifestações naquela época, por que elas não aconteceriam nos dias de hoje? Veremos agora a mais notável de todas as manifestações de espíritos que podemos encontrar na Bíblia, pois ela acontece, nada mais nada menos do que, com o próprio Jesus. Leiamos:

Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, os irmãos Tiago e João, e os levou a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E se transfigurou diante deles: o seu rosto brilhou como o sol, e as suas roupas ficaram brancas como a luz. Nisso lhes apareceram Moisés e Elias, conversando com Jesus. Então Pedro tomou a palavra, e disse a Jesus: “Senhor, é bom ficarmos aqui. Se quiseres, vou fazer aqui três tendas: uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias.” Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra, e da nuvem saiu uma voz que dizia: “Este é o meu Filho amado, que muito me agrada. Escutem o que ele diz.” Quando ouviram isso, os discípulos ficaram muito assustados, e caíram com o rosto por terra. Jesus se aproximou, tocou neles e disse: “Levantem-se, e não tenham medo.” Os discípulos ergueram os olhos, e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus. Ao descender da montanha, Jesus ordenou-lhes: “Não contem a ninguém essa visão, até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dos mortos”. (Mt 17,1-9).

Ocorrência inequívoca de comunicação com os mortos, no caso, os espíritos Moisés e Elias conversam pessoalmente com Jesus. E aí afirmamos que se fosse mesmo proibida por Deus, Moisés-espírito não viria se apresentar a Jesus e seus discípulos, já que foi ele mesmo,

quando vivo, quem criou essa proibição, e nem Jesus iria infringir uma lei divina. Portanto, a proibição de Moisés era apenas uma proibição particular sua ou de sua legislação de época. Os partidários do demônio ficam sem saída nessa passagem, pois não podem afirmar que foi o mesmo quem apareceu para Jesus e os apóstolos, pois neste caso, teriam que admitir que o Mestre foi enganado pelo "pai da mentira".

Podemos ainda ressaltar que Jesus nem antes nem depois proibiu a comunicação com os mortos; só disse aos discípulos para que não contassem a ninguém sobre aquela "sessão espírita", até que acontecesse a sua ressurreição. E se ele mesmo disse: *"tudo que eu fiz vós podeis fazer e até mais"* (Jo 14,12), os que se comunicam com os mortos, visando o bem do próximo, estão, inelutavelmente, seguindo o exemplo de Jesus. Os cegos até poderão ficar contra, mas os de mente aberta não verão nenhum mal nisso.

Já encontramos pessoas que, querendo fugir do inevitável, afirmaram que Moisés e Elias não morreram, foram arrebatados. A coisa é tão séria, que, no afã de se justificarem, desvirtuam a realidade mudando até mesmo narrativas bíblicas, pois, até onde sabemos, existe a passagem falando da morte e sepultura de Moisés, o que poderá ser comprovado em Dt 34,5-8. Quanto a Elias é que se diz ter sido arrebatado. Acredite quem quiser. Mas o que faremos com o corpo físico na dimensão espiritual? *"O espírito é que dá vida a carne de nada serve"* (Jo 6,63), *"a carne e o sangue não podem herdar o reino do céu"* (1Cor 15,50). São passagens que contradizem, peremptoriamente, um suposto arrebatamento de Elias de corpo e alma. Convém salientar que, ao que parece, nem os que viveram na época do suposto "arrebatamento" de Elias acreditavam na forma em que se pretende "entender" nos dias de hoje; é só ler o que está escrito em 2Rs 2,16, onde destacamos: *"...pode ser que o Espírito do Senhor o tenha arrebatado e lançado nalgum monte, ou nalgum vale..."*.

Por várias vezes, Jesus apresentou a seus discípulos ensinamentos por meio de parábolas. Há uma que poderemos citar, pois nela encontramos algo que irá nos auxiliar no entendimento daquilo que propomos. Vejamos:

Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino, e dava banquete todos os dias. E um pobre, chamado Lázaro, cheio de feridas, que estava caído à porta do rico. Ele queria matar a fome com as sobras que caíam da mesa do rico. E ainda vinham os cachorros lambe-lhe as feridas. Aconteceu que o pobre morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. Morreu também o rico, e foi enterrado. No inferno, em meio aos tormentos, o rico levantou os olhos, e viu de longe Abraão, com Lázaro a seu lado. Então o rico gritou: 'Pai Abraão, tem piedade de mim! Manda Lázaro molhar a ponta do dedo para me refrescar a língua, porque este fogo me atormenta'. Mas Abraão respondeu: 'Lembre-se, filho: você recebeu seus bens durante a vida, enquanto Lázaro recebeu males. Agora, porém, ele encontra consolo aqui, e você é atormentado. Além disso, há um grande abismo entre nós: por mais que alguém desejasse, nunca poderia passar daqui para junto de vocês, nem os daí poderiam atravessar até nós'. O rico insistiu: 'Pai, eu te suplico, manda Lázaro à casa de meu pai, porque eu tenho cinco irmãos. Manda preveni-los, para que não acabem também eles vindo para este lugar de tormento'. Mas Abraão respondeu: 'Eles têm Moisés e os profetas: que os escutem!'. O rico insistiu: 'Não, pai Abraão! Se um dos mortos for até eles, eles vão se converter'. Mas Abraão lhe disse: 'Se eles não escutam a Moisés e aos profetas, mesmo que um dos mortos ressuscite, eles não ficarão convencidos'. (Lc 16,19-31).

Podemos tirar várias reflexões dessa parábola, mas nos restringiremos ao assunto deste estudo. Uma pergunta nos vem à mente: se não se acreditasse na comunicação entre os dois planos, por que, então, o rico pede a Abraão para enviar Lázaro para alertar a seus irmãos? Da análise da resposta de Abraão podemos dizer que há a possibilidade da comunicação. Entretanto, ela é completamente inútil, pois se nem aos vivos as pessoas deram ouvidos, que dirá aos mortos... Fato incontestável, que vem acontecendo até nos dias de hoje, já que a grande maioria prefere ignorar a comunicação dos mortos, que vêm nos alertar para que transformemos as nossas ações, de modo que beneficiem ao nosso próximo, a fim de evitar que, depois da morte física, tenhamos que ir para um lugar de sofrimento.

A expressão *"mesmo que um dos mortos ressuscite"* significa que, mesmo que algum dos mortos se apresente na sua condição espiritual, para se comunicar, eles não se convenceriam. Mas, alguém pode objetar dizendo que esse texto implica na necessidade de uma ressurreição corpórea para que ocorra esta comunicação. Isto é um subterfúgio, já que,

na própria Bíblia, encontramos indícios de que o termo *ressurreição* também era usado para indicar a influência dos mortos sobre os vivos, conforme podemos confirmar no seguinte passo: *“Alguns diziam: ‘João Batista ressuscitou dos mortos. É por isso que os poderes agem nesse homem’”*. (Mt 14,2; Mc 6,14).

Quem já teve a oportunidade de ler a Bíblia, pelo menos uma vez, percebe que ela está recheada de narrativas com aparições de anjos. Na ocasião da ressurreição de Jesus algumas delas nos dão conta do aparecimento, junto ao sepulcro, de *“anjos vestidos de branco”* (Jo 20,12; Mt 28,2), enquanto que outras nos dizem ser *“homens vestidos de branco”* (Lc 24,4; Mc 16,5), demonstrando que anjos, na verdade, são espíritos humanos de pessoas desencarnadas. Até mesmo os nomes dos anjos são os que, normalmente, usamos aqui na dimensão física: Gabriel, Rafael, Miguel, etc. Vejamos se isso é coerente:

Nesse tempo, o rei Herodes começou a perseguir alguns membros da Igreja, e mandou matar à espada Tiago, irmão de João. Vendo que isso agradava aos judeus, decidiu prender também Pedro. Eram os dias da festa dos pães sem fermento. Depois de o prender, colocou-o na prisão e o confiou à guarda de quatro grupos de quatro soldados cada um. Herodes tinha a intenção de apresentar Pedro ao povo logo depois da festa da Páscoa. Pedro estava vigiado na prisão, mas a oração fervorosa da Igreja subia continuamente até Deus, intercedendo em favor dele. Herodes estava para apresentar Pedro. Nessa mesma noite, Pedro dormia entre dois soldados. Estava preso com duas correntes, e os guardas vigiavam a porta da prisão. De repente, apareceu o anjo do Senhor, e a cela ficou toda iluminada. O anjo tocou o ombro de Pedro, o acordou, e lhe disse: “Levante-se depressa.” As correntes caíram das mãos de Pedro. E o anjo continuou: “Aperte o cinto e calce as sandálias.” Pedro obedeceu, e o anjo lhe disse: “Ponha a capa e venha comigo.” Pedro acompanhou o anjo, sem saber se era mesmo realidade o que o anjo estava fazendo, pois achava que tudo isso era uma visão. Depois de passarem pela primeira e segunda guarda, chegaram ao portão de ferro que dava para a cidade. O portão se abriu sozinho. Eles saíram, entraram numa rua, e logo depois o anjo o deixou. Então Pedro caiu em si e disse: “Agora sei que o Senhor de fato enviou o seu anjo para me libertar do poder de Herodes e de tudo o que o povo judeu queria me fazer.” Pedro então refletiu e foi para a casa de Maria, mãe de João, também chamado Marcos, onde muitos se haviam reunido para rezar. Bateu à porta, e uma empregada, chamada Rosa, foi abrir. A empregada reconheceu a voz de Pedro, mas sua alegria foi tanta que, em vez de abrir a porta, entrou correndo para contar que Pedro estava ali, junto à porta. Os presentes disseram: “Você está ficando louca!” Mas ela insistia. Eles disseram: “Então deve ser o seu anjo!” Pedro, entretanto, continuava a bater. Por fim, eles abriram a porta: era Pedro mesmo. E eles ficaram sem palavras. (At 12,1-16).

Com a prisão de Pedro, por Herodes, todos já esperavam que aconteceria com ele o mesmo destino de Tiago, ou seja, que seria morto. Mas um anjo o solta. Ele se dirige à casa onde os outros estavam reunidos, bate à porta. Rosa, que atende a porta, reconhece a voz de Pedro; espavorida, corre para dentro a fim de contar aos outros, esquecendo-se de abrir a porta. Entretanto, como supunham que Pedro havia morrido disseram a ela: *“Então deve ser o seu anjo”*. Isso vem dizer exatamente o que estamos querendo demonstrar, que anjo, na verdade, é um espírito de um ser humano que morreu, o que não contradiz a narrativa; antes, ao contrário, é extremamente coerente a ela.

Conclusão

O que podemos concluir, sem sombra de dúvidas, é que, realmente, a comunicação com os mortos pode ser comprovada pela Bíblia, por mais que se esforce em querer tirar dela esse fato.

Apenas para reforçar tudo quanto já dissemos do que encontramos na Bíblia, poderemos ainda enumerar as pesquisas que estão sendo realizadas sobre a comunicação dos espíritos por aparelhos eletrônicos: a Transcomunicação Instrumental – TCI. Buscamos comprovar com isso que, conforme o dissemos no início, tais ocorrências são de ordem natural, dentro, portanto, das leis da natureza, que acontecem até os dias de hoje e que elas vêm despertando grande interesse por parte de inúmeros pesquisadores descompromissados com dogmas religiosos.

A pesquisadora Sonia Rinaldi, em seu livro *Espírito – O desafio da Comprovação*, traz várias gravações de vozes paranormais. Muitas possuem a particularidade de terem sido gravadas também, e simultaneamente, no lado reverso da gravação normal. Isso vem colocar as coisas num nível bem próximo da prova científica, pois ainda não existe tecnologia humana para produzir gravações desse tipo. Resta-nos esperar que cientistas, menos envolvidos com dogmas religiosos, se disponham a realizar essas pesquisas com o rigor científico, com todo o controle e instrumentação técnica necessária para se chegar a uma conclusão final e definitiva.

Apenas para ressaltar o nível dessas pesquisas: Sonia Rinaldi já dispõe de um laudo técnico de 52 páginas elaborado por um centro de pesquisas em Bolonha, na Itália, onde foi constatado que a voz gravada por meio da transcomunicação é a mesma constante na secretária eletrônica da pessoa, gravada quando viva. (FONSECA, LOBATO E MIRANDA, 2006, p. 49-53).

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Agosto/2004.

Referências bibliográficas:

- Bíblia de Jerusalém, 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia Sagrada – Edição Pastoral, s/e. São Paulo: Paulus, 1990.
 Bíblia Sagrada, 5ª ed. Aparecida-SP: Santuário, 1984.
 Bíblia Sagrada, 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
 Bíblia Sagrada, 68ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1989.
 FIORE, E., *Possessão Espiritual*, São Paulo: Pensamento, 1995.
 KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
 MONLOUGOU L.; DU BUIT, F.M. *Dicionário Bíblico Universal*, Aparecida-SP: Santuário; Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.
 RINALDI, S. *Espírito – O desafio da Comprovação*. São Paulo: Elevação, 2000.
 FONSECA, LOBATO e MIRANDA, *Falando com o Além*, reportagem da *IstoÉ*, nº 1918, São Paulo: Editora Três, 26 de julho de 2006.
 DA SILVA, S. C. *Analisando as Traduções Bíblicas*, João Pessoa: Ideia, 2001.